

Ressignificação enquanto ferramenta de autoafirmação através da perspectiva da *bicha*¹

Elizama de Lima FREITAS²
Joicy Eleiny SILVA³
Unifavip Devry, Caruaru, PE

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido a partir da observação do surgimento de um novo fenômeno linguístico e comportamental atrelado à adoção de um novo significado à expressão pejorativa “*bicha*”. A partir do momento em que o ser se dispõe a reconstruir determinada semântica de uma palavra já existente, este se permite alcançar um novo horizonte, anteriormente inexistente e, por conseguinte, não abordado. De acordo com os estudos bibliográficos realizados a partir da palavra “*bicha*”, este artigo mostrará a carga misógina e intolerante igualmente ligada à construção do personagem. Resignificar o termo, naturalmente pejorativo, portanto, representa desencadear uma série de reações contrárias à sua pronúncia. A partir do fenômeno da resignificação, se considerar ou ser intitulado “*bicha*” pode não atingir ofensivamente, logo, a expressão passa a não ter poder de opressão.

PALAVRAS-CHAVE: resignificação; pejorativo; *bicha*; homossexual; semiótica.

1. Influências históricas e sociais

Ser homossexual é estar inserido em uma cultura deveras antiga e que se modificou a partir de regras e constituições morais estabelecidas pela influência cristã no âmbito social como um todo. O cristianismo carrega consigo valores religiosos que foram vinculados a práticas sociais já existentes, atribuindo-lhes julgamento negativo ou positivo de acordo com o que, para os que creem, está para certo ou errado, segundo a avaliação divina.

O valor do próprio ato sexual: o cristianismo o teria associado ao mal, ao pecado, à queda, à morte, ao passo que a Antiguidade o teria dotado de significações positivas. A delimitação do parceiro legítimo: o cristianismo, diferentemente do

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduada no Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Unifavip Devry, email: elizamalfreitas@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Unifavip Devry, email: joicy.eleiny@gmail.com.

que se passava nas sociedades gregas ou romanas, só o teria aceito no casamento monogâmico e, no interior dessa conjugalidade, lhe teria imposto o princípio de uma finalidade exclusivamente procriadora. A desqualificação das relações entre indivíduos do mesmo sexo: o cristianismo as teria excluído rigorosamente, ao passo que a Grécia as teria exaltado — e Roma, aceito — pelo menos entre homens. A esses três pontos de oposição maior, poder-se-ia acrescentar o alto valor moral e espiritual que o cristianismo, diferentemente da moral pagã, teria atribuído à abstinência rigorosa, à castidade permanente e à virgindade (FOUCAULT, ano 1984, p. 16).

De acordo com as práticas cristãs, seria uma ofensa ir contra as orientações sexuais designadas por Deus para cada um, uma vez que se estaria contestando a vontade de um ser de maior poder a quem se deve respeito e obediência. Ser homossexual seria ir contra as ordens naturais do sexo.

Nos textos do Século XIX existe um perfil-tipo do homossexual ou do invertido: seus gestos, sua postura, a maneira pela qual ele se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões de seu rosto, sua anatomia, a morfologia feminina de todo o seu corpo fazem, regularmente, parte dessa descrição desqualificadora; a qual se refere, ao mesmo tempo, ao tema de uma inversão dos papéis sexuais e ao princípio de um estigma natural dessa ofensa à natureza (FOUCAULT, ano 1984, p. 21).

Além da religião, outras inúmeras construções sociais contribuiram para a caracterização do homossexual enquanto ser inferior, inválido ou errôneo. Partindo da premissa de que esses são dignos de desprezo e repúdio, foram instituídos termos pejorativos capazes de os discriminar e atingir ofensivamente. Ao longo desse trabalho, se fará entender como foi definido um desses termos, o “*bicha*”, e como o movimento LGBT tem invertido seu teor de injúria em prol da autoafirmação e defesa da liberdade.

2. Quem é a *bicha*?

Para entender o processo de atribuição de um novo significado, que será evidenciado neste artigo, é preciso buscar orientações iniciais a respeito da formação da palavra *bicha*. Não diferente de muitos termos hoje usados com naturalidade pelo povo brasileiro, a *bicha* tem origens estrangeiras, segundo, James Green, o autor do livro “Além do Carnaval”. O livro se concentra na sociedade carioca e paulistana, por volta do século XX, e sua posição diante da homossexualidade masculina, contudo consegue refletir nos dias atuais de maneira precisa, o que reforça a construção arcaica que ainda é reproduzida em relação ao gênero. De acordo com a obra de Green, apesar de não existirem definições concretas acerca da

bicha que conhecemos hoje, seria uma adaptação da palavra francesa “*biche*”, que surge no início do século XX, por volta dos anos 30, e significa corsa, feminino de veado. O signo trazido da França foi dotado de significação divergente ao seu significado inicial, passando a designar prostitutas. A partir desta captação do termo e formulação de sua significação, esse, gradativamente, ganhou peso pejorativo na cultura homossexual por representar homens que além de se relacionarem com outros homens, teriam comportamento similar ao que se esperava exclusivamente de uma mulher: afeminado e passivo.

Green, ganhador do prêmio “Hubert Herring”, do Conselho de Estudos Latino-Americanos na Costa do Pacífico (EUA), e o da Fundação “Paul Monette” como o melhor trabalho sobre estudos gays e lésbicos, que dedica sua obra à observação da farsa carnavalesca brasileira, criada para transmitir uma imagem de aceitação da homossexualidade masculina através do hábito de, durante o carnaval, festa popular e característica brasileira, homens saírem às ruas travestidos de mulher, incoerente com a realidade.

Numa experiência da sexualidade como a nossa, onde uma cesura fundamental opõe o masculino e o feminino, a feminidade do homem é percebida na transgressão efetiva ou virtual de seu papel sexual. Ninguém será tentado a dizer de um homem, cujo amor às mulheres o leva ao excesso, que ele seja efeminado — a não ser operando sobre o seu desejo todo um trabalho de decifração e desentocando “a homossexualidade latente” que habita em segredo sua relação instável e multiplicada com as mulheres. Ao contrário, para os gregos, é a oposição entre atividade e passividade que é essencial e marca tanto o domínio dos comportamentos sexuais como o das atitudes morais; vê-se, então, por que um homem pode preferir os amores masculinos sem que ninguém sonhe em suspeitá-lo de feminidade, desde que ele seja ativo na relação sexual e ativo no domínio de si; em troca, um homem que não é suficientemente dono de seus prazeres — pouco importa a escolha de objeto que faça — é considerado como “feminino”. A linha de demarcação entre um homem viril e um homem efeminado não coincide com a nossa oposição entre hétero e homossexualidade; ela também não se reduz à oposição entre homossexualidade ativa e passiva. Ela marca a diferença de atitude em relação aos prazeres; e os signos tradicionais dessa feminidade (FOUCAULT, ano 1984, p. 79).

Em *Além do carnaval*, o autor ainda divide o universo homossexual em dois pilares: *as bichas e os bofes*, que por sua vez exerciam o papel contrário, assumindo caráter masculino e ativo, os “homens verdadeiros”.

Resultado do sistema de gêneros brasileiros, hierarquicamente estruturados, que divide os homens que se envolvem em atividades homoeróticas em duas categorias – o homem (o *homem* “verdadeiro”) e o *bicha*. Essa posição binária espalha as categorias de gênero, predominantes e definidas heterossexualmente, o *homem* e a *mulher* (GREEN, 1999, p. 27, grifo do autor).

Percebe-se a partir de então a estreita ligação com a ideologia de submissão atribuída à mulher, uma vez que a passividade sexual, ainda em extração da literatura de *Além do carnaval*, é algo determinante de sua posição social. A *bicha* só é inferiorizada por se assemelhar à mulher no modelo hétero de relação sexual: indivíduo penetrado.

Segundo esse modelo, em atividades eróticas homossexuais tradicionais, o *homem*, ou, a gíria o *bofe*, assume o papel “ativo” no ato sexual e pratica a penetração anal em seu parceiro. O efeminado “*bicha*” é o “passivo”, o que é penetrado. A “passividade” sexual desse último atribui-lhe a posição social inferior da “*mulher*” (GREEN, 1999, p. 28, grifo do autor).

Além de Green, João Silvério Trevisan, em sua obra “Devassos no Paraíso”, oferece uma hipótese para o surgimento das *bichas* a partir do boom da Aids. Através do prisma construído pelo autor, com a massificação da doença entre a população homossexual, a idealização era ser másculo, pois esta posição estaria totalmente vinculada à virilidade e saúde, uma vez que a *bicha feminina*, popular entre as décadas de 60 e 70, seria a imagem aidética do grupo, por sua propensão a ser penetrada e, portanto, indesejada. Desde então é criada a abstração de higienização do homossexual que se afirmara *gay* e não *bicha*. *Bicha* se torna xingamento.

Entretanto, repudiar a palavra *bicha* e sua representação social, hoje, para o militante LGBT, significa adotar posição igualmente machista e higienista em relação a sua criação, um preconceito além da severa discriminação. Exigir que a conduta tradicional heterossexual seja inteiramente repetida nas relações homossexuais é transferir as imposições dispostas à mulher ao homossexual que se assemelhe a ela. Por conseguinte, a luta homossexual tem assumido o papel de resistência diante do termo estudado neste artigo, dentre outros, e transformado ser *bicha* em um ato revolucionário.

3. (Re)significar

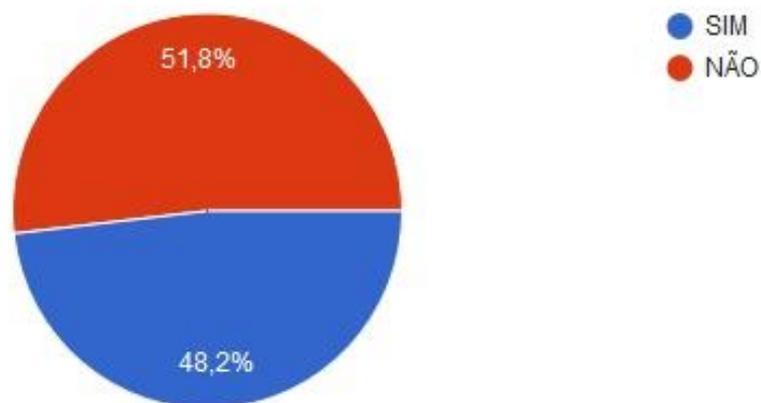
O termo “significar”, inteiramente relacionado à semântica foi antecedido pelo prefixo “Re”, que transmite a ideia de algo feito novamente, para a construção etimológica do raciocínio anteriormente mencionado. Resignificar representa atribuir novo significado e, conseqüentemente, nova visão a determinada expressão já existente. No caso da *bicha*, a mudança tem sido gradativa e lenta, pode-se dizer que ainda em fase inicial, nascente, assim como a própria semiótica, ciência capaz de explicar o decorrente no intercâmbio de significados. Segundo a autora do livro “O que é semiótica”, Lúcia Santaella, este estado

inicial de busca e questionamentos pode representar a ampla adição de conhecimento acerca de determinado estudo, uma vez que a definição seria a morte da inquietação que impulsiona as descobertas.

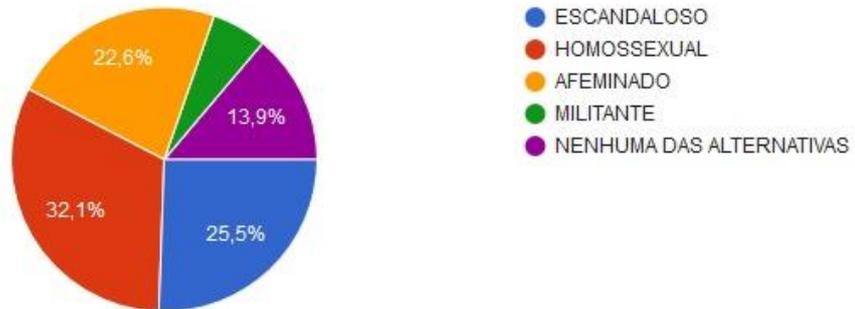
Um processo como tal não pode ser traduzido em uma única definição cabal, sob pena de se perder justos aquilo que nele vale a pena, isto é, o engajamento vivo, concreto e real no caminho da instigação e do conhecimento. Toda definição acaba é uma espécie de morte, porque, sendo fechada, mata justo a inquietação e curiosidade que nos impulsionam para as coisas que, vivas, palpitam e pulsam (SANTAELLA, ano 1983, p. 9).

A prova da ausência de vínculo completo com o fortalecimento do movimento é visível dentro do próprio meio LGBT, pois ainda há fortes controvérsias em relação à identificação com o termo e sua posição de militância. Para muitos, ser *bicha* ainda é ser puramente afeminado, homossexual passivo, ou até ter comportamento escandaloso e “inadequado”. A visão militante de ser *bicha* ainda não é absoluta, como mostram os dados da pesquisa realizada exclusivamente para a contribuição neste artigo, a partir da ferramenta de coleta Google Formulários, entre o período de tempo de 18 a 22 de maio de 2016, destinada ao público masculino homo e bissexual. 137 respostas foram colhidas de um público com faixa etária registrada entre 15 e 26 anos. Dentre esses, um total de mais da metade, 51,8%, não se considera *bicha*, onde 25,5% entendem ainda a expressão como sinônimo de escandaloso, 22,6% como afeminado e apenas 5,8% a associa à posição de militância.

Você se considera bicha? (137 respostas)

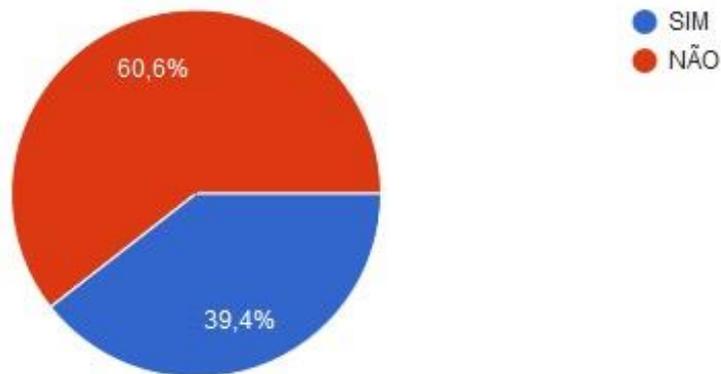


O que é ser bicha? (137 respostas)



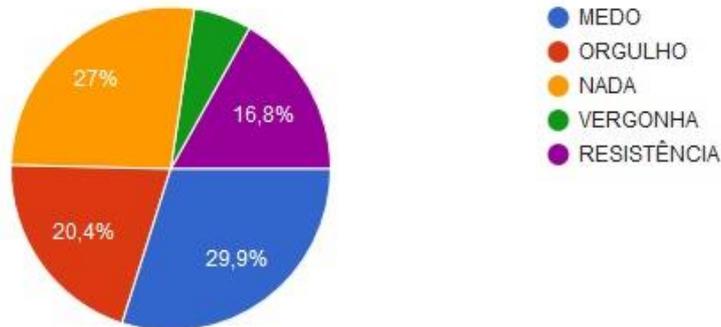
Apesar do entendimento pejorativo da “*bicha*”, o questionário também aponta para uma desmistificação de sua pronúncia, uma vez que “apenas” 39,4% dos questionados se sentem incomodados com o uso da expressão.

Ser chamado de bicha lhe incomoda? (137 respostas)



Ainda de acordo com a mesma pesquisa, um outro resultado chama atenção para o que pode ser visto como motivo da aversão à “*bicha*” como representação de si. 29,9% dos consultados confessam ter medo de expor pública e abertamente a sua sexualidade.

Expor publica e abertamente sua sexualidade lhe causa: (137 respostas)



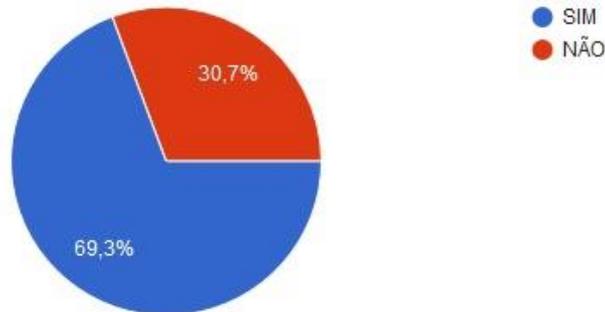
É certo que a língua é uma construção social dada não somente a partir da junção de signos, mas sim do envolvimento afetivo, meio de presença predominante, vivências psicologicamente marcantes e outros. Portanto, tecer a ressignificação de um termo exige do indivíduo a inserção em um meio que lhe proporcione conhecimento sobre o mesmo e argumentos passíveis de entendimento e posterior concordância, para que o novo significado seja elaborado e incorporado de maneira clara e honesta, sem manipulação de veracidade e afins.

O indivíduo, inserido ou não no ambiente de luta LGBT, deve entender por si só, a partir do conhecimento propiciado acerca da formação dessa expressão, que reproduzir a associação entre a “*bicha*” e a mulher, ambas como poderes sociais inferiores aos masculinos, ou a falta de ética no comportamento é uma posição ideológica misógina e discriminante, para só a partir de então entender a ressignificação. Não basta puramente expor novos entendimentos sem contextualizar de sua importância, pois isso seria simples manipulação, ainda que mantivesse o valor da desconstrução.

Ressignificar um termo está diretamente ligado a capacidade de interpretação e modificação do conceito de um signo, a desconstrução da idealização de tudo que tem por traz do termo, toda sua história. Então “ser *bicha*” tem todo um significado cronológico e cultural, que com o passar das décadas tem ganhado uma nova formatação da sua essência de existir, de acordo com o afirmado por 69,3% dos entrevistados ainda na pesquisa realizada para a construção desse artigo.

Você acredita que o termo "bicha" está sendo ressignificado (novo significado)?

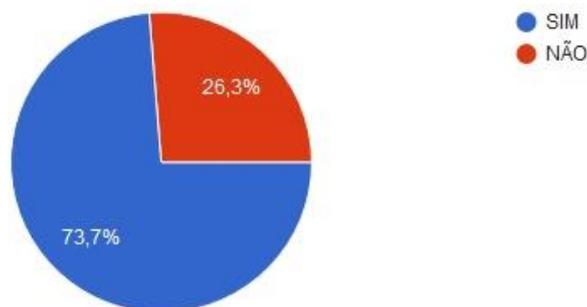
(137 respostas)



“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância”, BEAUVOIR. Simone, escritora francesa. Acredita-se que a liberdade seja um dos bens mais preciosos que o homem pode possuir e a luta pelos seus direitos, é um dos fatores a serem escalados com essa finalidade. Ser *bicha* também impera quando se trata de luta, principalmente em busca de liberdade de expressão. É o direito de se mostrar da forma que realmente é, expor-se, sem a preocupação de estabelecer uma padronização do que é o certo ou errado.

Você acredita que ser "bicha" também é luta por liberdade de expressão?

(137 respostas)



Dado o fenômeno da ressignificação, a *bicha* adotou representação de militância através da autoafirmação. Decorrente disso está o fortalecimento da classe homossexual como um

todo, além do indivíduo, pois esta passa agora a se afirmar *bicha*, por exemplo, a fins de desconstruir a ideia de inferioridade do termo. *Bicha* se torna mais que um termo, uma maneira de entender o ser homossexual e sua condição no meio que o cerca, seus direitos e reivindicar sua liberdade de expressão. Ser *bicha* se torna motivo de orgulho, resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressignificar, no caso da *bicha*, tornou-se muito mais que um ato de dar nova semântica a termos e palavras, passou a ser um ato de luta e resistência. Quando o conhecimento acerca do universo homossexual, suas influências e, por conseguinte, suas atuais posições é possibilitado, entende-se toda a luta que indivíduos dispostos nessa condição estão inseridos. Diversas foram as conquistas, porém o respeito à liberdade de gênero ainda não foi alcançado. Existe uma grande disparidade em relação à liderança de um gênero e a subordinação de outro, masculino e feminino, respectivamente, e uma declarada consciência fantasiosa da superioridade da heterossexualidade.

A *bicha* ainda é muito inferiorizada pela sociedade tradicional e conservadora, portanto, reforça-se a necessidade da batalha pelo reconhecimento de igualdade e respeito. A palavra, que inúmeras vezes é utilizada para humilhar e ofender os homossexuais tidos como efeminados ou sexualmente passivos, passa hoje por uma revolução semântica que lhe permite não carregar teor de ofensa ou diminuição, mas encarregar de propriedade o indivíduo que a recebe, proporcionando-lhe até orgulho. Quanto ao ofensor, esse não possui mais poder sobre o ofendido, pois o segundo já não existe, ele perder o seu domínio e dessa forma não atinge a quem quer atingir.

O uso do termo deixou de ser um reforço de estereótipo, afinal, ser *bicha* não significa mais somente ser efeminado, escandaloso, subordinado ou sexualmente passivo, significa ser gay e ter orgulho daquilo que é. Ser *bicha* é ser *bicha* e ponto, uma adjetivação que por si só basta. Não há uma conduta para se qualificar enquanto *bicha*, são divergentes os seus perfis e não há um critério que caracterize alguém mais ou menos *bicha*.

Todos esses avanços só foram alcançados através do fenômeno da resignificação. Exatamente como a resignificação esteve para o termo *bicha* ela pode dar outros sentidos a outras palavras e ideologias de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A capa. HAILER, Marcelo. **Você é gay ou bicha?** São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://acapa.virgula.uol.com.br/mobile/noticia.asp?codigo=11368>>. Acesso em: 18 mai. 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade – volume 2 – o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GREEN, James N. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

O quee. **O que é bicha?** Disponível em: <<http://oquee.com/bicha/>> Acesso em: 18 mai. 2016.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica.** Coleção primeiros passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

TREVISAN, João S. **Devassos no paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** São Paulo: Editora Record, 2000.